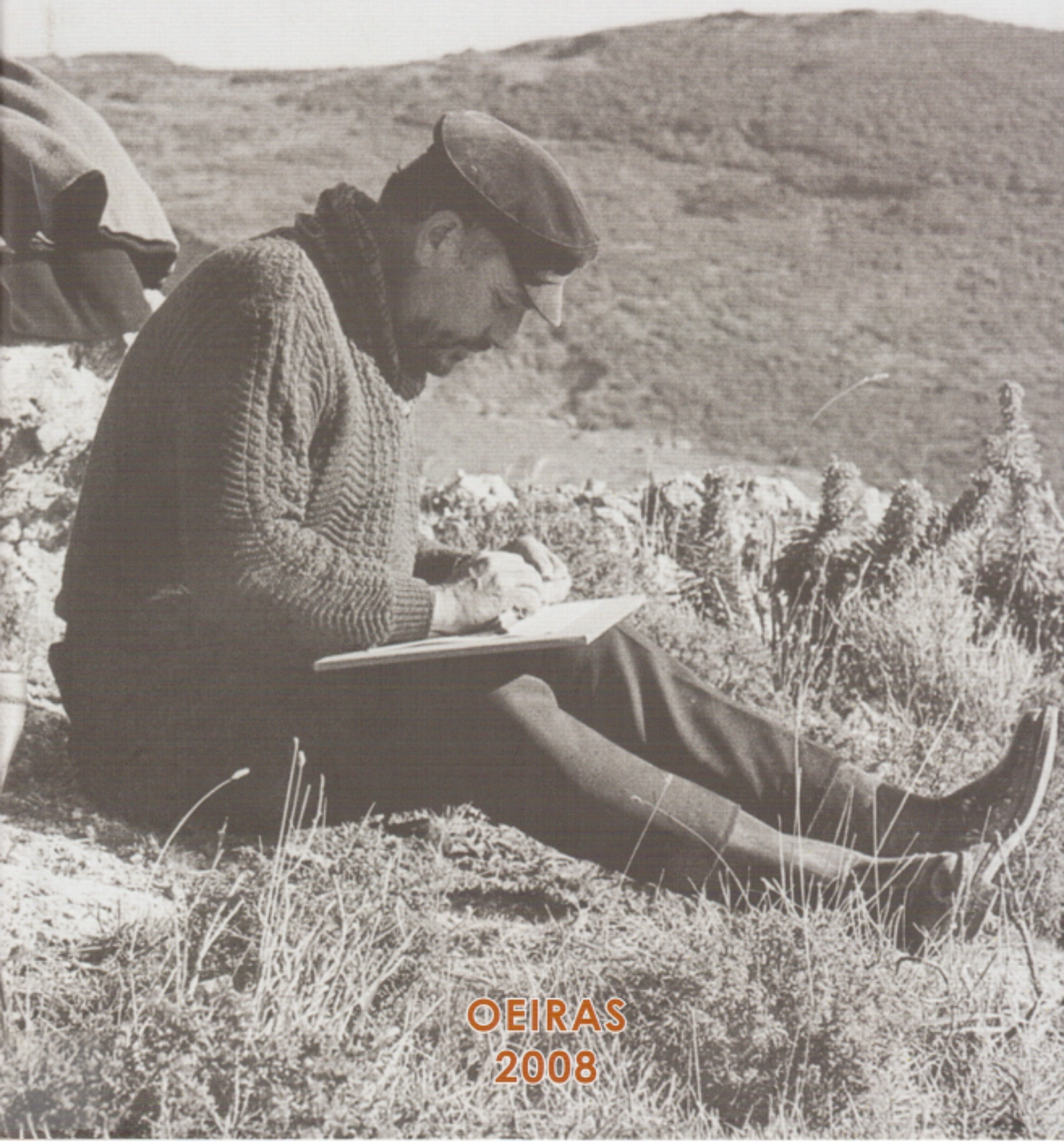


O. da Veiga Ferreira

homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor



OEIRAS
2008

OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA E O ESTUDO DO MEGALITISMO DA SERRA DE MONCHIQUE E DO BAIXO ALENTEJO

Carlos Tavares da Silva*

Uma das mais relevantes contribuições de Octávio da Veiga Ferreira para o conhecimento da Pré-história portuguesa centrou-se no estudo do megalitismo da Serra de Monchique, no Alto Algarve Ocidental, e do Baixo Alentejo. Foi naquela primeira área geográfica que, aliás, iniciou a sua carreira de arqueólogo. Com efeito, o primeiro trabalho que deu à estampa, em 1946, incidiu precisamente sobre a necrópole pré-histórica do Buço Preto, nas imediações das Caldas de Monchique (FERREIRA, 1946), publicação onde se apresentam os resultados da intervenção ocorrida em três sepulturas, de colaboração com José Formosinho, no ano anterior.

Veiga Ferreira contava, então, 28 anos e exercia funções, como técnico, na Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, onde tinha sido admitido em 1944 (CARDOSO, 1997a, 1997b, 1997c e 1997-98). Ao serviço deste organismo, havia sido mobilizado para Monchique, a fim de trabalhar na captação de águas destinadas ao estabelecimento termal das Caldas.

Em 1946, estuda parte das necrópoles de Alcaria e de Palmeira, recebendo, para a escavação desta última, a colaboração de José Formosinho.

No ano seguinte, aos dois arqueólogos, junta-se Abel Viana. Procedem-se então à escavação sistemática das necrópoles de Navete, Belle France, Palmeira e Alcaria (FORMOSINHO *et al*, 1953).

A entrada de Abel Viana para a equipa de Monchique (Fig. 1) representa, sem dúvida, um acontecimento marcante, não só no que se refere ao estudo deste complexo de necrópoles, mas também na vida científica de O. da Veiga Ferreira.



Fig. 1 – O. da Veiga Ferreira, fotografado junto da primeira escavação que efectuou e publicou sozinho, no Buço Preto, em 1949. A publicação data de 1946.

* Centro de Estudos Arqueológicos, MAEDS. cea.maeds@mail.telepac.pt

Com a idade de 51 anos e contando com larga experiência e vasta obra publicada no domínio da Arqueologia, dotado, além disso, de excepcionais qualidades humanas, Abel Viana passará, durante cerca de 20 anos, até à sua morte em 1964, a ser um verdadeiro Mestre para Veiga Ferreira. Como escreve João L. Cardoso na introdução à publicação da correspondência de Abel Viana para O. da Veiga Ferreira, “A trajetória científica no campo da arqueologia e o perfil humano de Veiga Ferreira explicam por que Abel Viana o elegeu como seu colaborador dilecto” (CARDOSO, 2001-02, p. 423). Por sua vez, Veiga Ferreira, na nota necrológica que publica quando do falecimento do Mestre, reconhece como foi profícua a estreita colaboração que entre ambos se estabeleceu: “Foi em 1944 que travei conhecimento com ele, já nessa altura residindo em Beja. Começaram então os nossos 20 anos de trabalhos e canseiras, descobertas, e de uma grande colaboração e amizade. Evoco, neste momento em que infelizmente já o não posso ter por companheiro, todas essas campanhas de Monchique, Alcalar, Faro, Aljustrel, Senhora da Cola, etc., vinte anos de produtivo e fecundo labor, onde o seu conselho e a sua experiência de trabalhos de campo tanto contribuíram para as descobertas e estudos realizados” (FERREIRA, 1964, p. 173).

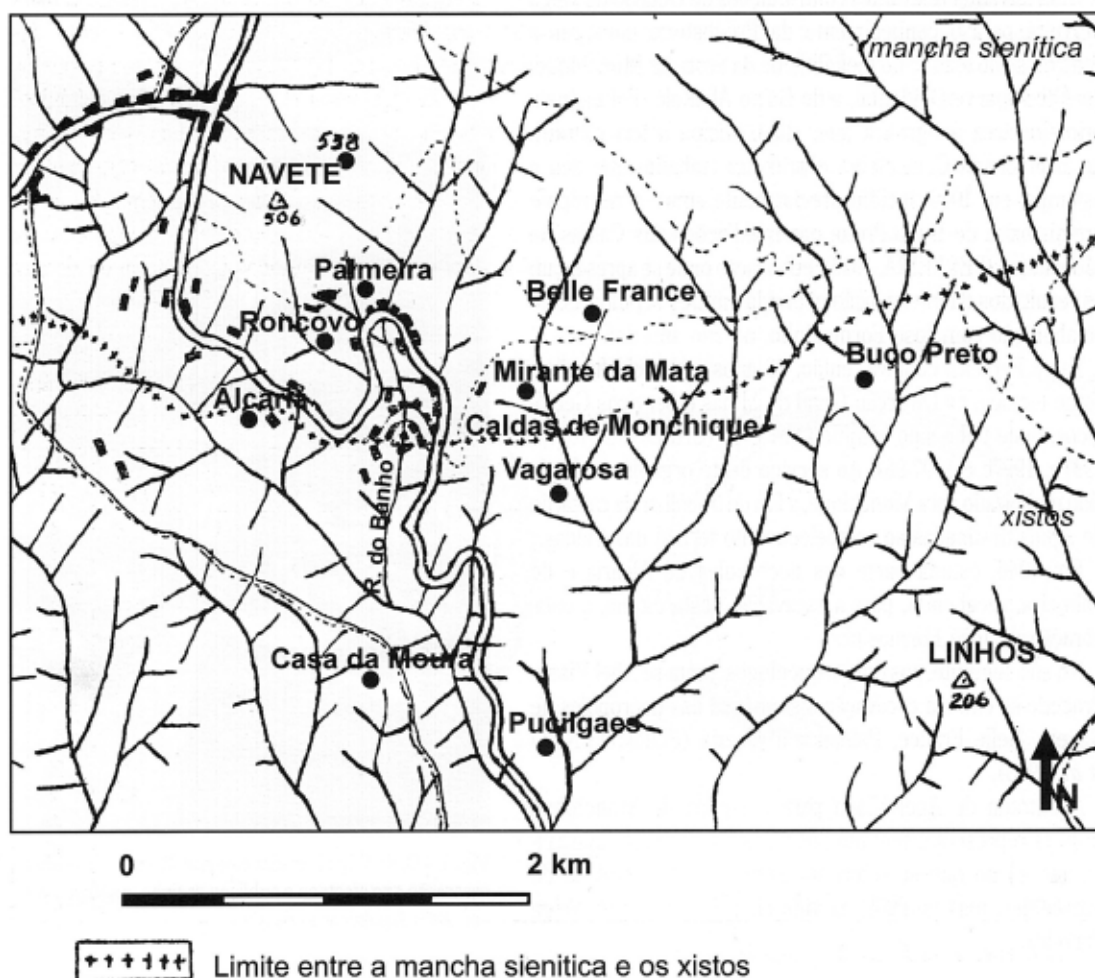


Fig. 2 - Localização (pequeno círculo) das necrópoles intervenidas em Monchique por O. da Veiga Ferreira, A. Viana e J. Formosinho (a partir de mapa inserto em FORMOSINHO *et al.*, 1953).

As campanhas arqueológicas em Monchique revelaram-se exemplares a vários títulos, mas devemos salientar dois aspectos que consideramos essenciais: o rigor do registo, tão raro para a época, e a bibliografia prontamente produzida, publicada quer em Portugal quer em Espanha, que culmina com uma verdadeira monografia de conjunto saída em volume próprio editado pelo Instituto de Alta Cultura, em 1953, e, ao mesmo tempo, integrando o volume XIV (1953-54) dos Trabalhos de Antropologia e Enologia. A exaustiva informação contida neste trabalho tem permitido posteriores e pertinentes revisões, sobretudo de carácter interpretativo. No que concerne ao megalitismo, cf. GONÇALVES, 1989; GOMES, 1997; SOARES & SILVA, 2000. No respeitante à Idade do Bronze, cf. SCHUBART, 1975.

A necrópole pré-histórica organiza-se em diversos núcleos (Fig. 2), distribuídos por área assaz restrita (cerca de 9Km² em torno das Caldas de Monchique), tendo sido identificados seis seguramente pertencente ao Neolítico: Palmeira (16 sepulturas), Buço Preto (7), Belle France (3), Navete (1) e Roncovo (1).

O que distinguiu, desde logo, o megalitismo de Monchique foi o facto de a sua arquitectura se restringir quase exclusivamente a sepulturas fechadas, de tipo cista, envolvidas por mamoa; só um sepulcro, aliás de câmara sub-retangular, possuía corredor. Aquelas características, bem como a distribuição do espólio no interior das sepulturas, levou os seus escavadores a considerá-las individuais. Para explicar a diversidade verificada quanto às dimensões (comprimento variando entre 1,6m – Palmeira 14 – e 3,93m – Palmeira 7) e ao “apuro arquitectónico” das sepulturas, bem como ao número de artefactos contido em cada uma delas (ver Quadro I), os mesmos autores, embora admitindo razões de ordem cronológica, perfilham a hipótese apresentada por L. Pericot para explicar as diferenças encontradas entre as sepulturas da necrópole de Las Gabarras: “os dólmenes pequenos, ou cistas megalíticas, que acompanham as galerias cobertas, devem ser prudentemente considerados de época mais ou menos a mesma, estando a diferença de tamanho, ou implicitamente de forma, explicada pelo poderio ou riqueza do construtor” (FORMOSINHO *et al.* 1953, p.120).

Quadro I – Monchique. Contentores sepulcrais (selecção) e respectivos conteúdos artefactuais (*in* GONÇALVES, 1989, modificado).

Artefactos	Sepulturas. Grupos morfométricos											
	BP2	BP3	BP4	IA BP5	P3	P14	BF2	BP6	P4	IB P7	P15	II BP7
gtg										1		4
gtr					5	2	1	3	1	8	1	4
lam	4		1	2	1	1		4***	3	16+3***	2	5
mc	4			2		1	1	7***	2	3+1***	1	2
ex	5			1		3		4	3	3		3
gv	1			1						1		
ciz						1						
esc										1		
cer				+	+	+	+			25+2***	+	
cd						5				3	52	20
cot		+				2**			1		3	2
px												1
ps												12
ba										1***		
comp*	1,72	2,05	1,95	1,9	1,86	1,6	2,5	3	5,6	3,93	2,64	3,8

BP – Buço Preto; P – Palmeira; BF – Belle France

gtg – geométrico trapezoidal; gtr – geométrico triangular; lam – lâmina; mc – machado; ex – enxó; gv – goiva; ciz – cinzel; esc – escopro; cer – cerâmica; cd – conta discóide; cot – outras contas; px – placa de xisto; ps – ponta de seta; ba – braçal de arqueiro.

* medidas internas; ** contas cilíndricas, elipsoidais de “calaite verde”; *** depósito no exterior da sepultura; + presença vestigial

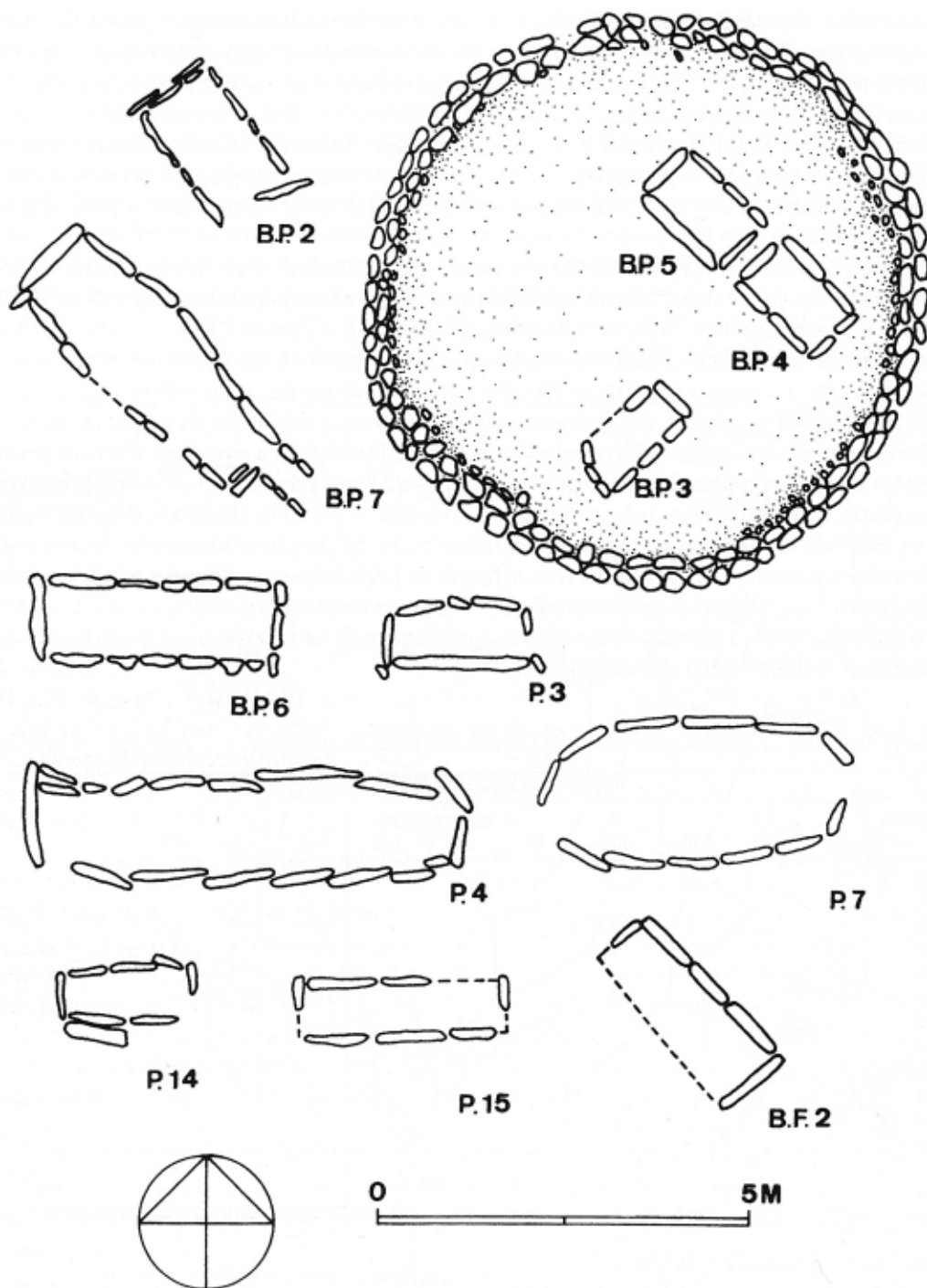


Fig. 3 - Sepulturas "megalíticas" de Monchique (selecção a partir de GOMES, 1997). B.P. - Buço Preto; P. - Palmeira; B.F. - Belle France.

De acordo com paralelos encontrados, designadamente a partir de bibliografia espanhola, e dos paradigmas então dominantes, concluiu-se “que todo este conjunto de sepulturas megalíticas, individuais, pertencerá a uma época imediatamente anterior à da necrópole de Alcalar, ou seja, cerca do ano 2000 a.C. , segundo o quadro estabelecido pelos optantes por uma cronologia baixa” (FORMOSINHO *et al.*, 1953, p. 125 e 126).

No estado actual dos nossos conhecimentos, o megalitismo de Monchique é cronologicamente situável entre a passagem do V para o IV milénio e os finais do III milénio a.C. Trata-se, sem dúvida, de um megalitismo que evoluiu segundo um padrão muito específico e de carácter fortemente regional.

Se atendermos ao Quadro I, onde reunimos todas as sepulturas que ofereceram espólio, sem sinais de violação e cujo estado de conservação permite determinar o comprimento (Fig. 3), verificamos que o grupo I, constituído por sepulcros fechados, domina esmagadoramente; o grupo II (sepulcro de câmara rectangular e aberta, e provido de corredor) está representado por um único monumento (Buço Preto 7 – Fig. 4). O grupo I é divisível em dois subgrupos (IA e IB) em função do comprimento da sepultura: em IA essa medida não ultrapassa 2,5 m; em IB, a mesma variável é superior àquele valor, atingindo, em Palmeira 7, 3,93 m. Nota-se, além disso, uma tendência para o grupo IB possuir maior número de artefactos que o IA. Deste modo, poderíamos ser tentados a fazer corresponder as sepulturas de maiores dimensões a enterramentos colectivos; o facto de serem fechadas e terem sido construídas sob *tumulus* não é impeditivo de sucessivas utilizações do contentor funerário, como se observou na sepultura protomegalítica do Marco Branco (Santiago do Cacém), também sob estrutura tumular e onde, após uma primeira inumação, ocorreram duas outras (SILVA & SOARES, 1983). Contudo, atendendo à distribuição do espólio, incluindo o osteológico humano (muito escasso), no interior das sepulturas, os arqueólogos de Monchique, convenceram-se, como atrás dissemos, de que estariam perante sepulcros individuais. De acordo com esta leitura, as diferenças notadas quanto ao número de evidências artefactuais e às dimensões dos contentores funerários poderão ser atribuídas, tal como admitiram os mesmos arqueólogos, a diferentes estatutos sociais dos inumados. Este ponto de vista é, quanto a nós, corroborável pelos resultados da escavação de Buço Preto 3, 4 e 5, sepulturas que, não obstante terem sido envolvidas pela mesma estrutura tumular e, por conseguinte, poderem ser consideradas contemporâneas, revelam assinaláveis diferenças, não relativamente às suas dimensões (o comprimento oscila entre 1,9 e 2,05 m), mas sim quanto ao seu conteúdo artefactual: Buço Preto 3 forneceu algumas contas discóides em número não especificado, Buço Preto 4 possuía 1 lâmina de sílex, enquanto Buço Preto 5 continha 2 machados, 1 enxó, 1 goiva, 2 lâminas e fragmentos de cerâmica.

A hipótese de cada sepultura ter sido ocupada por um único inumado ajuda-nos a compreender a morfologia de Palmeira 7. Trata-se de sepulcro fechado de grandes dimensões, com quase 4 m de comprimento, de planta oval e construído como a câmara de um *tholos*. O seu conteúdo é nitidamente calcolítico (formas cerâmicas, “peso de tear” paralelepípedico perfurado nos topos, “braçal de arqueiro”, que integrava depósito votivo localizado no exterior, junto ao canto sudeste dos pés da sepultura, deposição que possuía ainda dois recipientes cerâmicos, três lâminas de sílex e um machado de pedra polida). Admitimos, pois, que a construção de Palmeira 7 tivesse sido inspirada nos *tholoi*; como, por hipótese, se destinou a receber um único indivíduo, teria sido fechada; a sua forma oblonga prolongaria pelo Calcolítico a tradição patente em Monchique, desde o Neolítico pleno, de construção de sepulcros rectangulares.

Cruzando os dados, patentes no Quadro I, relativos à morfometria dos contentores sepulcrais com os dos conjuntos artefactuais dos respectivos conteúdos, é admissível integrar os monumentos do grupo IA na fase inicial do megalitismo de Monchique. No grupo IB, onde, de um modo geral, os indicadores artefactuais não diferem muito dos do grupo IA; está porém presente, como assinalámos ao aludir a Palmeira 7, um conjunto mais tardio, atribuível ao Calcolítico. No grupo II, as pontas de seta e a placa de xisto gravada aí identificadas sugerem momento de transição entre o IV e o III milénio a.C..

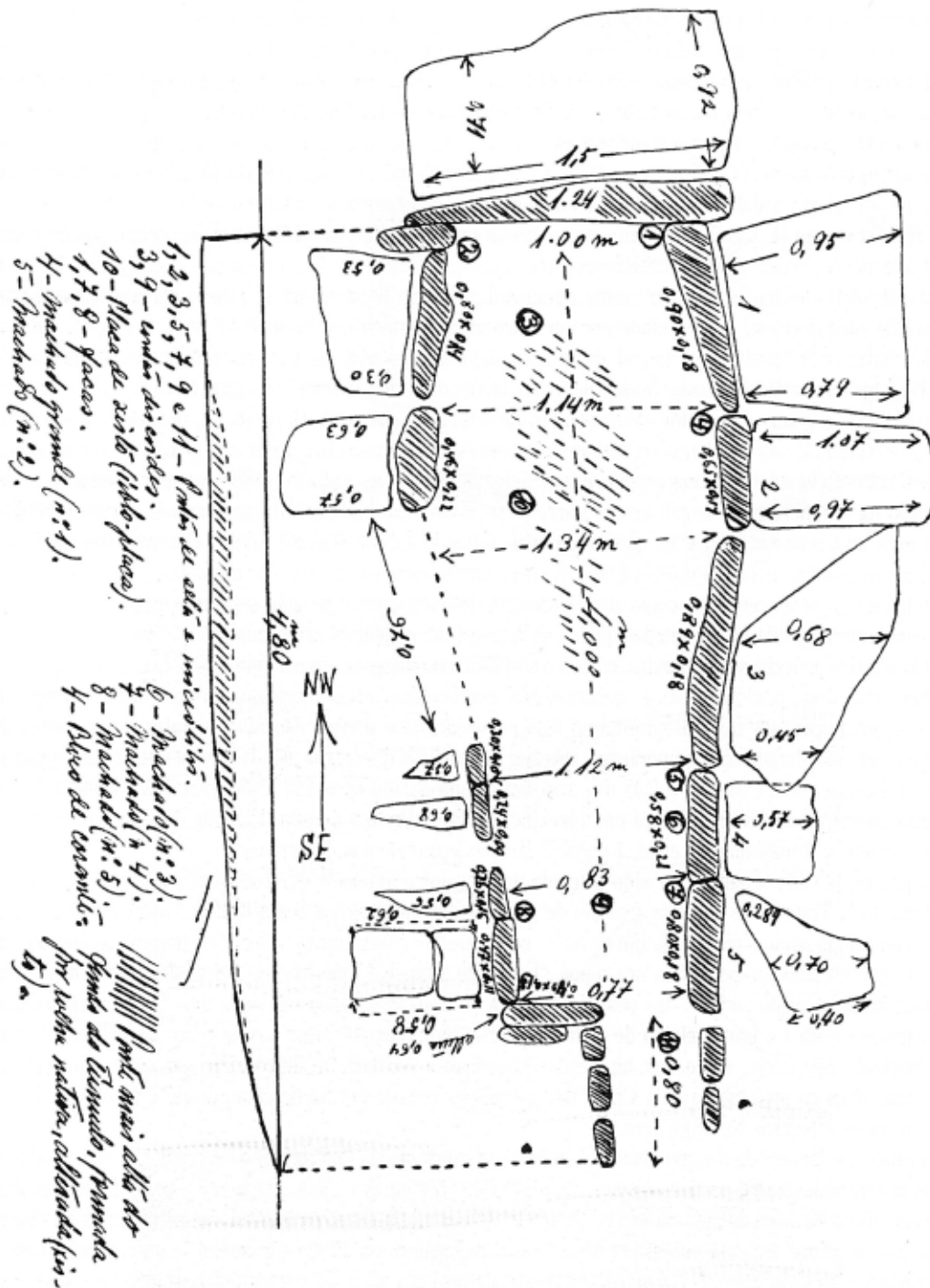


Fig. 4 - Desenho da sepultura n.º 7 da necrópole de Buço Preto, da autoria de Abel Viana. A localização do espólio exumado revela bem o rigoroso registo utilizado nesta escavação arqueológica (In CARDOSO, 2001-2002).

Concluídos, em 1949, os trabalhos arqueológicos nas Caldas de Monchique, Veiga Ferreira e Abel Viana abraçaram, na década seguinte, um novo projecto de investigação, dedicado ao megalitismo do Baixo Alentejo, área onde esse fenómeno era, até então, quase desconhecido.

Contam agora com outros colaboradores – Eng.º Ruy Freire de Andrade, técnico superior das Minas de Aljustrel (Fig. 5), e o P^{de}. António Serralheiro, pároco de Messejana, bem como com os apoios das seguintes instituições: Société Anonyme Belge de Minas de Aljustrel, Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular e Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Em uma primeira fase centram-se em Aljustrel, onde irão desenvolver intensa actividade em torno da ocupação da época romana, muito especialmente da mineração, como é patente através da numerosa bibliografia que produzem (por exemplo: VIANA *et al.*, 1954 e 1956; FERREIRA & ANDRADE, 1966) e da correspondência trocada entre Abel Viana e Veiga Ferreira (*cf.* cartas datadas de 1951, 1954, 1955 – CARDOSO, 2001-02, p. 499, 527, 530, 534, 535).

Seguidamente, o centro de pesquisas desloca-se para Ourique, e é sobretudo nesta área do Sul do Baixo Alentejo que, principalmente entre 1956 e 1958, irão realizar a investigação sistemática do megalitismo.

Em Dezembro de 1958, quando do I Congresso Nacional de Arqueologia, aquela equipa dá a conhecer 27 novos monumentos (VIANA *et al.*, 1959). A este número há ainda a acrescentar pelo menos mais dois – os *tholoi* de A-dos-Tassos, Cerro do Gatão (VIANA *et al.*, 1961a) e Monte do Outeiro (VIANA *et al.*, 1961b).

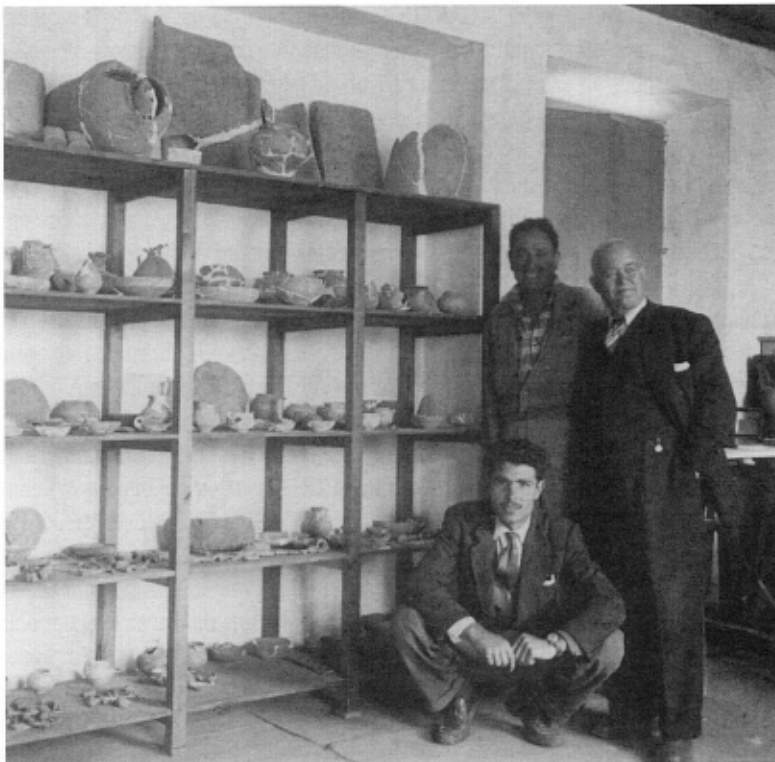


Fig. 5 – Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira e Ruy Freire de Andrade (em primeiro plano, fotografados no Museu de Arqueologia das Minas de Aljustrel. (*in* CARDOSO, 2001-2002).

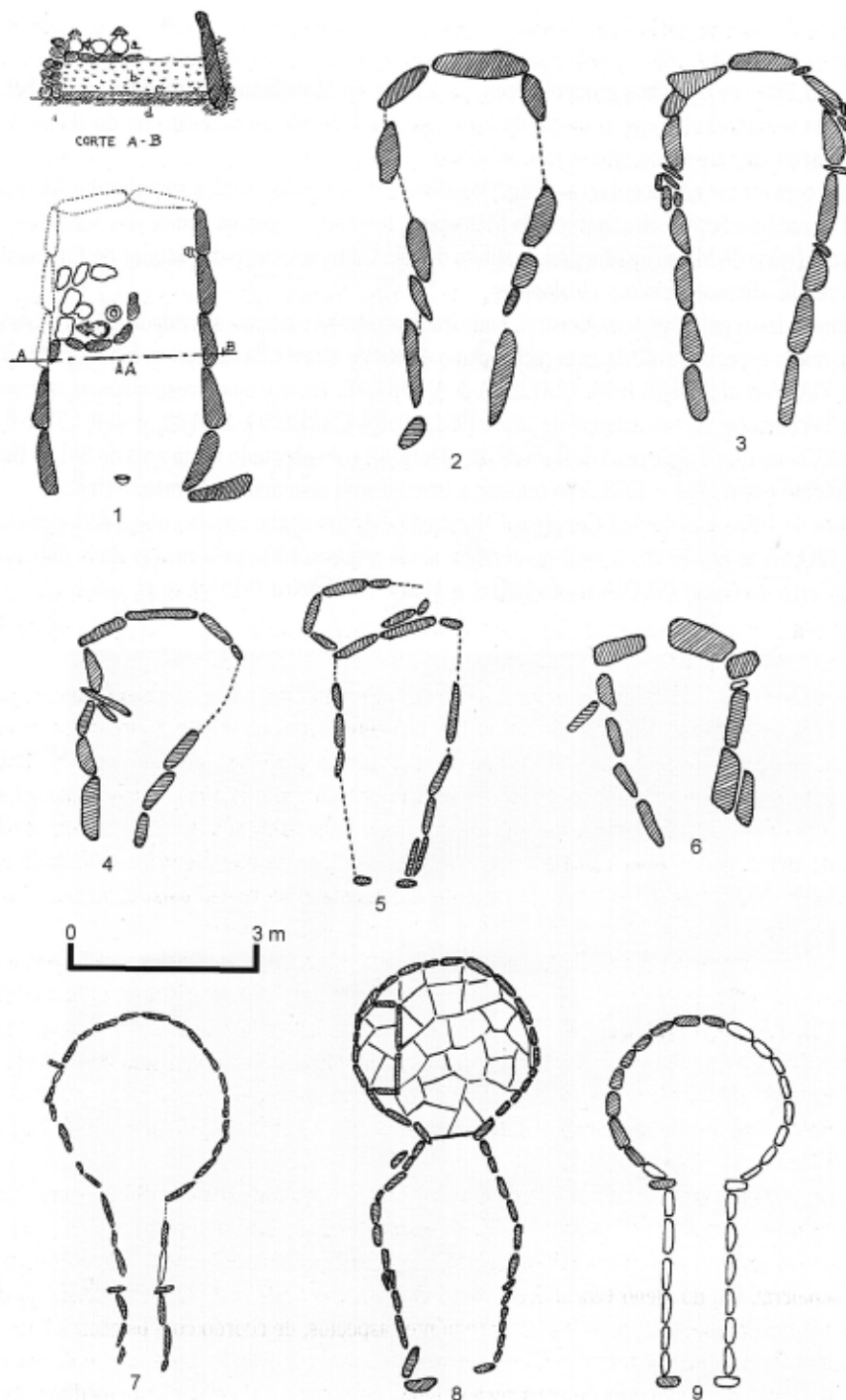


Fig. 6 – Megalitismo do Sul do Baixo Alentejo: 1 – Cerro das Antas; 2 – Monte Velho; 3 – Brejo; 4 – Pedra da Anta 2; 5 – Montenegro; 6 – Laborela; 7 – Monte das Pereiras; 8 – Monte Velho 1; 9 – Amendoeira Nova. (In VIANA *et al.*, 1957 e 1959).

Pelas descrições e plantas publicadas, verifica-se que estes monumentos se distribuem por três grupos arquitectónicos distintos (Fig. 6): o das sepulturas de planta rectangular, talvez abertas, mas sem corredor, como a do Cerro das Antas, que atingia 6 metros de comprimento; o das sepulturas de planta piriforme, abertas e com corredor mal diferenciado da câmara funerária, como as da Laborela, Pedra da Anta 2, Brejo, Montenegro, Monte Velho 2, cujo comprimento varia entre 4 e 6 metros (uma variante deste tipo apresenta câmara sub-rectangular e esboço de corredor: Castelão e Cerro das Pias); o dos sepulcros de tipo *tholos* (Malha Ferro, Monte Velho 1, Amendoeira Nova ou Colos, Monte das Pereiras, A-dos-Tassos, Cerro do Gatão, Monte do Outeiro).

São, pois, desconhecidas sepulturas cistóides, fechadas, tão comuns, como vimos, em Monchique.

A sepultura rectangular aberta pode corresponder à fase média do megalitismo de Ourique, tendo provavelmente evoluído directamente a partir da sepultura proto-megalítica. Nenhum dos (poucos) sepulcros deste tipo então publicados forneceu conjuntos artefactuais conclusivos de um ponto de vista cronológico. Porém, a escavação que realizámos, com Joaquina Soares, no concelho de Ourique, de um monumento de planta rectangular, aberto, mas sem corredor – Dólmen I de Fernão Vaz – revelou espólio atribuível ao pleno Neolítico, com elevado número de geométricos, em geral trapezoidais e por vezes com “enchoche” no lado menor; ausentes, as pontas de seta (SILVA, 1982 e 1987).

Pelo contrário, o numeroso grupo das sepulturas piriformes oferece pontas de seta e raros geométricos. A escavação que efectuámos em 1977, com Caetano Beirão, em Fernão Vaz II – pequena sepultura piriforme, com apenas 2,9m de comprimento, parcialmente escavada na rocha e envolvida por cintura tumular com 3,5 m de raio – permitiu-nos concluir tratar-se de monumento integrável em fase evolucionada do megalitismo do Sul do Baixo Alentejo, na transição do Neolítico para o Calcolítico (BEIRÃO & SILVA, 1978).

A escavação de sete *tholoi* (Figs. 6, 7 e 8) representou a mais importante contribuição oferecida por esta equipa para o conhecimento do megalitismo não só do Baixo Alentejo, mas de todo o Sudoeste peninsular. Até aos trabalhos de Abel Viana e Veiga Ferreira, este tipo de monumento era quase desconhecido no Baixo Alentejo; apenas na zona mais setentrional desta província se haviam reconhecido dois *tholoi*, aliás estudados pelos dois investigadores referidos: Veiga Ferreira (com Rodrigues Cavaco) tinha publicado, em 1952, o monumento do Lousal (Grândola) e, no ano seguinte, Abel Viana publica o de Odivelas (Ferreira do Alentejo). O Calcolítico Pleno era, assim, pela primeira vez, por via sepulcral, amplamente documentado na região baixo-alentejana (só mais tarde, os locais de habitação seriam dados a conhecer, cf. SILVA & SOARES, 1976-77).

A descoberta destes monumentos no Baixo Alentejo indicaria, segundo os mesmos arqueólogos, a presença de “fortes influências da cultura de Almeria (Los Millares e Almizaraque)” e marcaria a progressão desta “cultura” em direcção ao Alto Alentejo (VIANA *et al.*, 1959, p.212); por outro lado, e não obstante o paradigma difusionista, então dominante, aqueles investigadores admitiam que os *tholoi* alentejanos teriam sido construídos pelas populações autóctones: “Embora o plano e a concepção do monumento obedeça ao traçado dos grandes sepulcros do Sudoeste espanhol, vê-se que, no pormenor, há diferenças que só se justificam pelo fundo autóctone do povo que o construiu” (VIANA *et al.*, 1961b, p. 252).

Dos sepulcros então escavados, o do Monte do Outeiro (Fig. 7b), identificado em 1961 nos arredores de Aljustrel, é talvez o mais interessante de um ponto de vista científico, não só pelo seu bom estado de conservação que permitiu o estudo integral da arquitectura deste tipo de monumento, como por ter oferecido dois estratos distintos de utilização sepulcral, um do pleno Calcolítico e outro da transição deste período para a Idade do Bronze.

No que concerne à arquitectura, salientemos os seguintes aspectos, de acordo com os escavadores do *tholos* do Monte do Outeiro: “Pela primeira vez encontrámos uma galeria [ou corredor] tapada, com todos os elementos *in situ*, e verificámos certos pormenores de construção dignos de registo e absolutamente inéditos. Assim, quando noutros túmulos que apresentavam somente os esteios tínhamos notado que eles não eram horizontais no topo, mas sim de forma angular e desencontrados, pensámos sempre que a regularização seria feita com pequenas

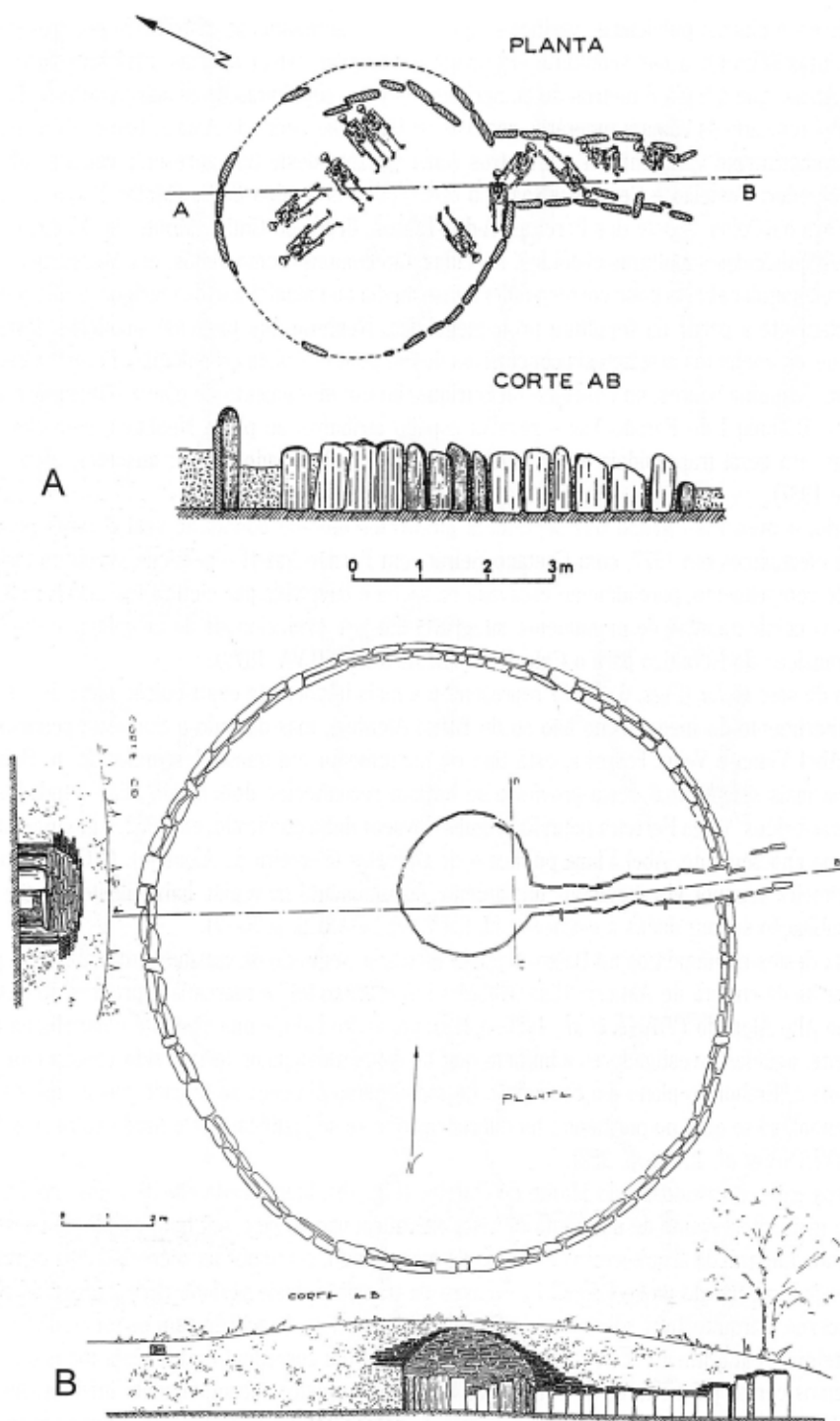


Fig. 7 - Tholoi de Malha Ferro (A) e do Monte do Outeiro (B). (A, seg. VIANA *et al.*, 1960; B, seg. VIANA *et al.*, 1961b).

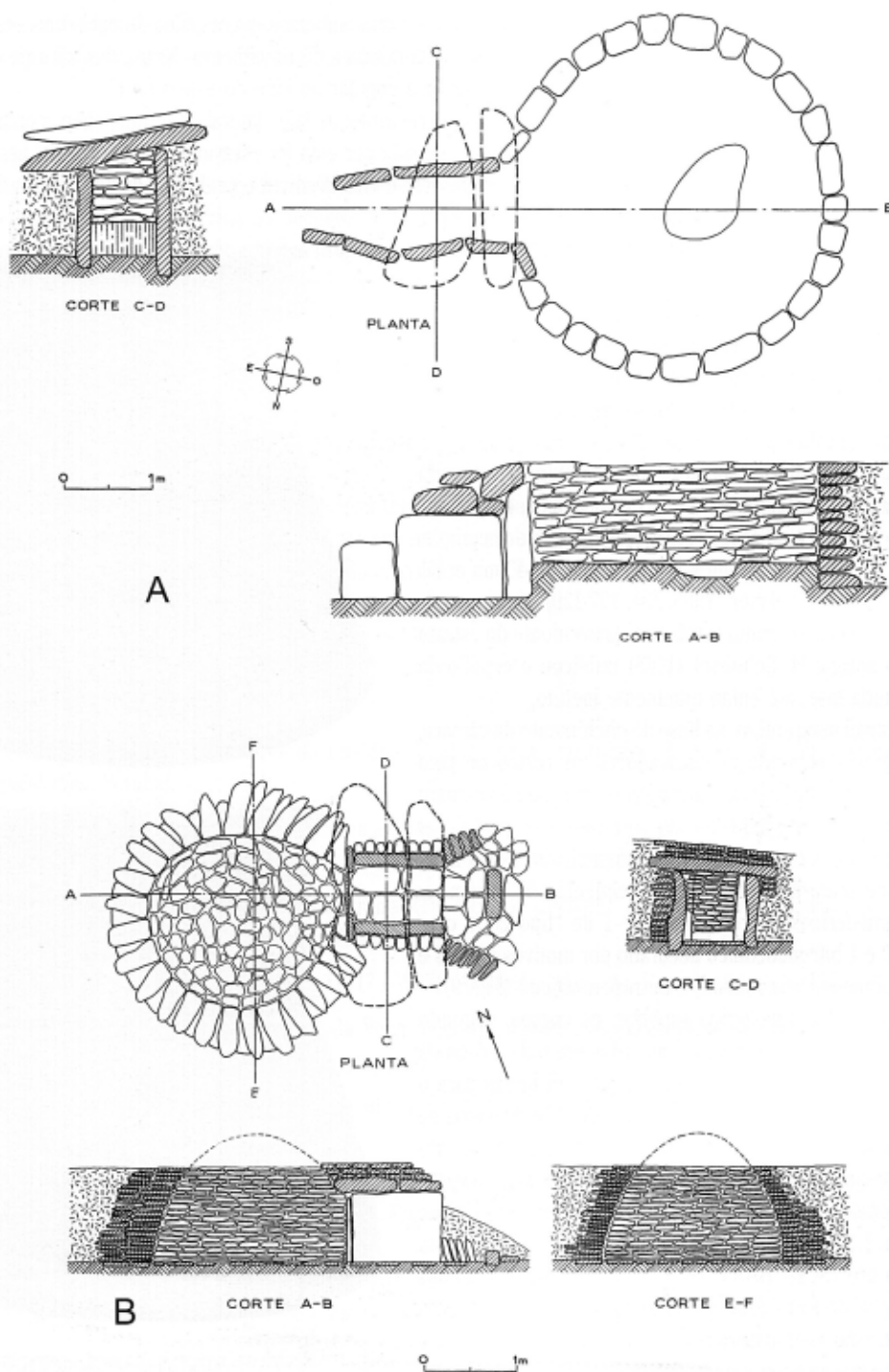


Fig. 8 - Tholoi de A. dos Tassos (A) e do Cerro do Gatão (B). (Seg. VIANA *et al.*, 1961a).

pedras a fim de se assentar depois a cobertura. Agora, porém, sabemos que as lajes de cobertura eram colocadas para que os bicos dos esteios ficassem a funcionar como dentes de travamento. Numa das lajes de cobertura foi mesmo talhado um chanfro em ângulo recto de forma a engatar no bico do esteio [...]”.

“Na cripta [ou câmara] observámos outra coisa interessante: as lajes laterais não funcionam como esteios mas sim como revestimento parietal. Toda a superfície ocupada por esta foi escavada no terreno e aí assentou a base da falsa cúpula [...]. Este pormenor é muito interessante e veio resolver o problema da construção da falsa cúpula e dos falsos esteios noutros monumentos. Até aqui, como encontrámos sempre os monumentos sem cúpula, pensámos que estes esteios serviriam para assentar aquela sobre eles, mas agora vê-se bem, sem a menor dúvida, o lugar que desempenhavam na construção dos monumentos deste tipo. É claro que nos referimos apenas aos monumentos cuja cúpula começa a partir duma dada altura” (VIANA *et al.*, 1961b).

Quanto à estratigrafia observada no interior da câmara funerária, verificou-se, como atrás dissemos, dois níveis de ocupação, cujo espólio foi objecto de estudos complementares e subsequentes ao realizado por Viana *et al.* (1961b): Vera Leisner (1965, Est. 127-129) ocupou-se da totalidade do conjunto artefactual proveniente do estrato mais antigo; H. Schubart (1965) publicou o espólio da segunda fase, até então totalmente inédito.

O nível mais antigo, na base do enchimento da câmara, integraria, segundo os escavadores, os restos de pelo menos seis inumados, concentrados em zona da câmara situada nas proximidades da entrada desta (VIANA *et al.*, 1961b, p. 249), que eram acompanhados por 3 lâminas de material silicioso e 9 recipientes de cerâmica: 5 hemisféricos, 2 troncocónicos, 1 de “tipo copo com gola” e 1 bitroncocónico decorado por motivos incisos e pontilhados, “simbólicos” e antropomórficos (Fig. 9).

No nível arqueológico superior, os corpos, segundo Schubart (1965), “estavam sepultados em toda a roda da cúpula, ao que parece com as cabeças dirigidas para o centro e os pés para a parede. Todos os esqueletos se encontravam estendidos de lado. Junto de cada enterramento tinham sido colocados, como oferendas, dois vasos de barro, e perto do que foi descoberto em último lugar, havia [...] duas pontas de lança de ferro e uma ponta de cobre” (SCHUBART, 1965, p. 196-197). O achado das “lanças” de ferro (que, para Schubart, corresponderiam a intrusão tardia) levou Abel Viana e colaboradores a datarem o mesmo estrato do Bronze Tardio ou da Primeira Idade do Ferro. O estudo realizado por Schubart



Fig. 9 – Recipiente em cerâmica com decoração antropomófica exumado no estrato mais antigo da ocupação do *tholos* do Monte do Outeiro. (In VIANA *et al.*, 1961b)

revelou, porém, um conjunto artefactual (integrando, entre outro espólio, dois vasos campaniformes lisos e uma ponta de seta tipo Palmela, em cobre arsenical) atribuível ao fim do Calcolítico/Bronze inicial.

Monchique e Ourique são dois exemplos da diversidade regional da arquitectura funerária megalítica.

A crescente territorialização ocorrida no decurso do IV milénio a.C., em resultado do desenvolvimento da economia agro-pastoril, teria representado um dos principais factores responsáveis por essa diversidade. Deste modo, a partir da sepultura protomegalítica, cistóide e fechada (que, tendo surgido provavelmente em momento final do Neolítico antigo evolucionado, é o reflexo superstrutural de novas relações de produção baseadas no reforço das relações de parentesco), cada grupo social irá adoptar soluções arquitectónicas próprias.

Sendo o fenómeno megalítico uma manifestação da superestrutura ideológica de determinado modo de produção (genericamente, o modo de produção doméstico tal como foi definido por Meillassoux), a referida diversidade regional pode reflectir variações, igualmente regionais, da respectiva base económica, ou seja, da combinação forças produtivas-relações de produção.

Para a discussão desta hipótese, torna-se imperioso (embora não seja suficiente) proceder ao estudo dos locais de habitação e dos correspondentes sistemas de povoamento, locais esses por enquanto desconhecidos em Monchique e reduzidos, na área de Ourique, ao povoado calcolítico do Cortadouro (SILVA & SOARES, 1976-77).

BIBLIOGRAFIA

- BEIRÃO, C. de Mello & SILVA, C. Tavares da (1978) – O monumento megalítico II de Fernão Vaz (Ourique). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 29-46.
- CARDOSO, J.L. (1997a) – *In Memoriam*. O da Veiga Ferreira. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 83, p. 153-170.
- CARDOSO, J.L. (1997b) – Octávio da Veiga Ferreira (1917-1997). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 54 (2), p. 5-11.
- CARDOSO, J.L. (1997c) – O. da Veiga Ferreira (1917 –1997). *AI-Madan*. Almada. Série II, 6, p. 174-175.
- CARDOSO, J.L. (1997-1998) – *In Memoriam* O. da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, pp. 5-6.
- CARDOSO, J.L. (2001-2002) – Correspondência anotada de Abel Viana a O. da Veiga Ferreira (1947-1964). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 415-608.
- FERREIRA, O. da Veiga (1946) – Estação pré-histórica do Buço Preto ou Esgravatadoiro. Descrição das sepulturas encontradas. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 1(3), p. 89-95.
- FERREIRA, O. da Veiga (1964) – Abel Viana (1896-1964). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74 (1/2), p. 172-176.
- FERREIRA, O. da Veiga & CAVACO, A. Rodrigues (1952) – O monumento pré-histórico de Lousal (Grândola). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 33, p. 247-255.

- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga; VIANA, A. (1953) – *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- GOMES, M. Varela (1997) – Megalitismo do Barlavento Algarvio. Breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 147-190.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlim: Walter de Gruyter.
- MEÏLLASSOUX, C. (1978) – *Mujeres, graneros y capitales. Economía doméstica y capitalismo*. México, Siglo Veintiuno Editores.
- SCHUBART, H. (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75 (1-4), p. 195-204.
- SILVA, C. Tavares da (1982) – O megalitismo e os primeiros metalurgistas. *História de Portugal*. Lisboa, Ed. Alfa. 1.
- SILVA, C. Tavares da (1987) – Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal). *Megalitismo en la Peninsula Ibérica*. Madrid, p. 85-93.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J. (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 179-272.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 1, p. 63-88.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In V. S. GONÇALVES (ed.). *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo* (Trabalhos de Arqueologia, 16). Lisboa: IPA, p. 117-134.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1957) – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 409-422.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1960) – O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panóias). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 70 (1/2), p. 21-50.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961a) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (1/2), p. 5-12.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961b) – Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), p. 247-254.
- VIANA, A.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRADE, R. Freire; SERRALHEIRO, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, p. 197-213.

Bibliografia de O. da Veiga Ferreira relativa ao megalitismo de Monchique

- FERREIRA, O. da Veiga (1946) – Estação pré-histórica do Buço Preto ou Esgravatadoiro. Descrição das sepulturas encontradas. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 1(3), p. 89-95.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1953) – *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga; VIANA, A. (1953-1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1/4), p. 66-225.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga; FORMOSINHO, J. (1950a) – Las necrópolis de las Caldas de Monchique. *I Congreso Nacional de Arqueología/V Congreso Arqueológico del Sudeste* (Almería, 1949). Cartagena. Actas, p. 89-105.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga; FORMOSINHO, J. (1950b) – Necropolis de las Caldas de Monchique. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 77, p. 291-312.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga; FORMOSINHO, J. (1953) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigações de 1948 e 1949. *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Lisboa, 1950). Lisboa. 8, p. 75-89.

Bibliografia de O. da Veiga Ferreira relativa ao megalitismo do Baixo Alentejo

- FERREIRA, O. da Veiga & CAVACO, A. Rodrigues (1952) – O monumento pré-histórico de Lousal (Grândola). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 33, p. 247-255.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1957) – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 409-422.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1960) – O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panóias). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 70 (1/2), p. 21-50.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 483-492.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961a) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (1/2), p. 5-12.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961b) – Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), p. 247-254.
- VIANA, A.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRADE, R. Freire; SERRALHEIRO, A. FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, p. 197-213.